

Svobodová, Iva

Comparação tipológica das línguas checa e portuguesa segundo Vladimír Skalička

Études romanes de Brno. 2012, vol. 33, iss. 1, pp. [385]-399

ISSN 1803-7399 (print); ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/125821>

Access Date: 18. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

IVA SVOBODOVÁ

COMPARAÇÃO TIPOLOGICA DAS LÍNGUAS CHECA E PORTUGUESA SEGUNDO VLADIMÍR SKALIČKA

1. Delimitação do objetivo

No processo de aprendizagem das línguas estrangeiras, em geral, um dos pontos essenciais consiste na percepção do sistema linguístico e dos fenômenos gramaticais que caracterizam as línguas segunda ou estrangeira. Defendemos a opinião de que todo este processo cognitivo relativo à aquisição da língua estrangeira pode ser facilitado, desde que se apliquem, no ensino, os princípios estabelecidos pela tipologia linguística de Praga¹. Estes também constituirão o tema principal desta pequena contribuição, sendo a nossa principal finalidade retomar o rumo linguístico que romanistas checos² têm tomado em seus estudos publicados nos últimos anos e onde têm continuado a desenvolver a teoria elaborada na primeira metade do século XX por Vladimír Skalička, grande filólogo e linguista checo e fundador da tipologia praguense. O segundo objetivo, não menos importante, será contribuir para a área da didática da língua portuguesa através de uma descrição tipológica skaličkiana da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, através do estudo comparativo do sistema nominal, implicitamente das categorias gramaticais nele existentes que se dão nas línguas materna (L1= checo) e estrangeira (PLE = português língua estrangeira). A descrição comparativa das congruências e discrepâncias dos dois sistemas linguísticos incluirá também os seus expoentes³ concretos, mas o objetivo principal será, de uma forma mais ou menos abstrata, apontar para os diferentes tipos que dominam ou faltam em cada uma das línguas comparadas. Este nosso artigo só inclui a análise tipológica do sistema nominal,

¹ A tipologia praguense foi fundada por V. Skalička e mais tarde desenvolvida por P. Sgall que precisou e aperfeiçoou algumas das ideias skaličkianas, mas que não serão incluídas no nosso estudo para não nos desviarmos da nossa finalidade de descrever o sistema da maneira mais homogênea possível.

² Entre os seguidores principais na área das línguas iberorromânicas e não só, cite-se Čermák e Zavadil (2010), Zavadil (2010), Čermák (2009) ou Boček (2005, 2006, 2010).

³ Exponente = forma de expressão das categorias gramaticais.

uma vez que o sistema verbal constitui, pelo seu carácter tipologicamente diferente do sistema nominal, um tema separado.⁴

2. Vladimír Skalička

Vladimír Skalička (1909-1991), foi o primeiro professor de linguística geral da Faculdade de Letras da Universidade Carolina em Praga que desenvolveu as suas atividades científicas ao longo do século XX, a partir de 1931 até 1991, e as suas conferências, palestras e artigos publicados continuam a atrair linguistas checos de todas as gerações.⁵ Skalička interessou-se, durante a sua vida, por muitas línguas com estruturas e sistemas linguísticos diferentes (além das línguas indoeuropeias, estudou também e sobretudo, as línguas ugrofinas). Uma das suas teses básicas é que as diferentes línguas apresentam diferentes soluções para os mesmos problemas gramaticais, todas elas foram classificadas por Skalička, de um modo dedutivo e empírico⁶, conforme as suas propriedades prevaletentes, em cinco tipos principais: 1. flexivo, 2. isolante, 3. polissintético, 4. aglutinante e 5. introflexivo (veja-se a caracterização tipológica mais adiante). Uma “língua ideal” segundo Skalička representa um “tipo puro”⁷, ou o chamado “constructo ideal”⁸. A existência da “língua ideal”, não obstante, é considerada antes como uma exceção, sendo mais frequente a mistura de diferentes traços dos quais uns são dominantes e outros são mais periféricos ou até acidentais⁹. Assim sendo,

⁴ Repare-se que Vít Boček também dividiu estes dois sistemas em dois trabalhos separados (2005, 2006).

⁵ Todas as palestras, artigos e trabalhos científicos de Vladimír Skalička foram reunidos e publicados por F. Čermák, P. Čermák, J. Čermák e C. Poeta no livro *Vladimír Skalička. Souborné dílo*, em três volumes, cronologicamente organizados, o primeiro dos quais inclui os trabalhos do período de 1931–1950, o segundo volume os de 1951 a 1963 e o terceiro de 1964–1994.

⁶ A tipologia praguense utiliza, sobretudo, o processo dedutivo: começa por definir os “constructos tipológicos” como sistemas abstratos e depois, procede à análise das línguas concretas. Boček (2010: 55) constata, não obstante, que o processo mais restritamente dedutivo está patente nos trabalhos de J. Popela, sendo nos trabalhos de Skalička ainda evidente o “empirismo”. Skalička muitas vezes atribui à língua uma propriedade só depois de a encontrar noutra(s) língua(s).

⁷ “Typ je zřídka (nebo nikdy) realizovaným extrémem” (Tradução: O tipo é raramente (ou nunca) um extremo realizado): ČERMÁK, František; ČERMÁK, Petr; ČERMÁK, Jan; POETA, Claudio. *Vladimír Skalička. Souborné dílo*. Tomo 1. Praha: Karolinum, 2004, pg. 86.

⁸ No nosso trabalho não submeteremos a palavra “constructo” ao novo acordo ortográfico para que o termo introduzido por Skalička se assemelhe, o máximo possível, à versão fonética da palavra original “konstrukt”.

⁹ P. Čermák (2009) afirma que a introflexão (ver mais adiante no parágrafo 3.4.) ou a polissíntese (veja-se em 3.5.) em espanhol são propriedades que ocorrem “periféricamente”. Por exemplo, a única manifestação da polissíntese (ver 3.5), que se dá na composição das palavras, não constitui a manifestação do princípio fundamental da polissíntese: ou seja, não se relaciona com a exploração dos elementos semânticos para exprimir os significados

a língua inglesa ou francesa podem ser classificadas como “tipos isolantes”, mas ao mesmo tempo existem nelas propriedades pertencentes aos outros tipos; a língua turca e as línguas mongólicas e ugrofinesas são definidas como “línguas aglutinantes”; as línguas checas e latina são classificadas como línguas fortemente “flexivas”; as línguas semitas, berberes e norteafricanas representam o “tipo polissintético”, enquanto que o chinês pertence ao “tipo introflexivo”. Quanto à língua portuguesa, segundo a nossa análise, veremos que pertence, tal como a língua francesa, ao tipo isolante, porque as propriedades isolantes são dominantes, mas ao mesmo tempo, inclui muitas propriedades aglutinantes e flexivas, e perifericamente ocorrem nela também a polissíntese ou a introflexão. E estas diferenças¹⁰ existem não apenas entre as diferentes línguas como também entre as diferentes fases históricas das línguas. Não obstante, a teoria skaličkiana é uma teoria baseada exclusivamente na sincronia, uma vez que analisa o estado actual das línguas e não leva em consideração na sua classificação tipológica os factores históricos nem etimológicos, facto que, por um lado é, compreensível e útil sob muitos pontos de vista (entre eles o didático-pedagógico), mas que por outro lado, leva a uma difícil interpretação de alguns fenómenos gramaticais.

3. Caracterização tipológica

Como já foi referido, Skalička estabeleceu cinco tipos linguísticos: isolante, flexivo, introflexivo, aglutinante e polissintético. Normalmente, o tipo isolante é percebido como tipo analítico, enquanto que os outros tipos são considerados sintéticos. Procedamos a uma descrição resumida de cada um dos tipos linguísticos, partindo de Skalička (1951) e de Čermák (2009).

3.1. O tipo isolante

O princípio do tipo isolante consiste no facto de as palavras serem isoladas e manterem as formas constantes em todas as funções sintáticas. A construção da oração, conseqüentemente, obedece às regras relativas à ordem das palavras (o substantivo que antecede o verbo desempenha a função de sujeito, o substantivo que segue o verbo a do objeto). Este tipo de ordem das palavras prevalece nas línguas da Europa ocidental, como por exemplo em inglês, francês, mas parcialmente também em alemão (Skalička 1951: 11).

P. Čermák (2009: 25) relembra, na sua vasta obra tipológica sobre a língua espanhola, as seguintes propriedades do tipo isolante:

gramaticais. Nem os casos pouco frequentes da introflexão (3.4), descritos no capítulo sobre o sistema de verbos irregulares, são substancialmente introflexivos. Não se trata de uma modificação de base léxica aplicada sistematicamente para diferenciar o significado gramatical.

¹⁰ Sobre a combinatória das propriedades tipológicas, veja-se o Boček (2011). O artigo trata das possíveis combinações de diferentes tipos nas línguas, que se condicionam assimetricamente.

1. não dispõe de afixos¹¹: existem muitas palavras monossilábicas, tanto lexicais como gramaticais (auxiliares);
2. a relação entre os morfemas lexicais e gramaticais é simétrica e regular (cada categoria gramatical tem um “exponente” diferente);
3. caso os afixos sejam ausentes, este facto deve-se à alta frequência de palavras isoladas, não derivadas;
4. as numerosas palavras funcionais não permitem a livre ordem de palavras;
5. as palavras funcionais (existência de classes lexicais) favorecem a existência de muitos tipos de frases subordinadas (sindéticas);

O “constructo” isolante ainda é caracterizado pelas seguintes propriedades: a existência de muitas palavras monossilábicas que tem a ver com a abundância das vogais que servem também para distinguir claramente tais palavras; no sistema lexical há muitas palavras simples (ou seja, nem compostas nem derivadas), apesar de ser mais ou menos frequente a formação de palavras por meio da derivação ou da composição.

3.2. O tipo aglutinante

O tipo aglutinante é patente sobretudo nas línguas turca, húngara, finlandesa e basca (Skalička 1945: 11; Čermák 2009: 23). Estas línguas dispõem de um vasto leque de meios linguísticos que servem para a declinação e conjugação. À palavra aglutinam-se mais sufixos, como no seguinte exemplo, quando à palavra turca “ev” se aglutinam outros exponentes: *-ler, -lerin, -lerimiz, -lerimizde*: ev (casa), evler (casas), evlerin (minhas casas), evlerimiz (nossas casas), evlerimizde (em nossas casas) (Skalička: 1951: 16). Na língua basca, realiza-se o mesmo processo: por exemplo, através dos exponentes *raino, ganaino, agoa*, etc. chegamos a formar palavras *etxeraino* (até a essa casa), *aita(ren)ganaino* (até ao pai), *etxe ederra* (a casa linda), *etxe ederragoa* (casa mais linda), *etxe ederrena* (a casa mais linda) (Zavadil 2010: 69).

P. Čermák (2009: 23) resume as características do constructo aglutinante nos seguintes pontos:

1. acrescentam-se muitos afixos ao radical; do ponto de vista funcional, os afixos às vezes equiparam-se a palavras auxiliares próprias de outros tipos linguísticos (exprimem a posse, a pessoa ou o significado adverbial que em outros tipos se exprimem por meio de preposições e conjunções subordinadas);
2. não se distinguem classes lexicais, o que tem a ver com a propriedade anterior, sendo que numerosos afixos se acrescentam a todos os radicais lexicais (por exemplo, as desinências casuais acrescentam-se aos verbos), de maneira que uma unidade lexical pode desempenhar qualquer função sintática na oração;

¹¹ Os afixos neste caso referem-se aos morfemas gramaticais.

3. dos pontos 1. e 2. deduz-se que os afixos são usados muitas vezes para a formação de palavras: em caso extremo (no constructo tipológico) existiria uma base lexical e todas as palavras se derivariam dela mediante afixos;
4. a oposição entre os sufixos derivativos e os sufixos gramaticais é fraca (no constructo tipológico existem apenas sufixos que não são subdivididos);
5. um vasto leque de afixos condiciona a forma fonológica: na maioria dos casos o afixo é formado por uma sílaba independente;
6. devido à existência dos afixos que desempenham todas as funções mencionadas, a congruência gramatical resulta abundante, a ordem de palavras tende para a gramaticalização (a ordem entre o nome e o adjetivo, entre o sujeito e o verbo);
7. como não se distinguem as classes lexicais, não existem desinências causais, o verbo numa forma subordinada pode ter desinências casuais e dos numerosos afixos derivam os diferentes tipos de infinitivos, participio e gerúndio.

3.3. O tipo flexivo

O tipo flexivo é caracterizado, sobretudo, pela acumulação de significados gramaticais numa parte da palavra. Na língua checa, a palavra “dobry” (*bom*) contém a desinência “-ý”, na qual se acumulam três significados: 1. o primeiro caso – nominativo, 2. o número singular e 3. o género masculino. Na palavra “žena” (*mulher*), a desinência “-a” significa 1. o nominativo, 2. o género feminino e 3. o número singular. Este tipo flexivo desenvolveu-se numa série de línguas europeias: línguas eslavas, bálticas, nas línguas grega, indianas, mas também nas línguas não europeias, sobretudo nas línguas bantu (Skalička 1945: 11).

P. Čermák (2009: 25) resume as propriedades do tipo flexivo nos seguintes pontos:

1. cada palavra tem apenas uma desinência (as línguas bantu servem-se, em vez da desinência, de prefixos);
2. no tipo flexivo, Skalička divide as desinências gramaticais em dois grupos: 1. desinências que servem para a expressão das relações gramaticais, e 2. desinências derivativas que servem para a derivação das palavras;
3. as desinências, cujo repertório é vasto, também servem para a diferenciação das classes lexicais; caso haja desinências derivativas, diferenciam-se das desinências gramaticais e, conseqüentemente, não há desinências gramaticais derivativas (como por exemplo no espanhol: *perro – perra*, mas também no português: *filho – filha*);
4. cada palavra tem apenas uma desinência, a qual apresenta as seguintes características: 1. nem sempre a desinência é silábica; 2. pode apresentar mais de uma função; 3. no sistema de desinências há muitos sinónimos e homónimos;
5. devido ao vasto número de desinências, a ordem das palavras na frase torna-se mais livre;

6. a diferenciação das classes lexicais resulta em numerosos tipos de orações subordinadas.

O “constructo” tipológico, devido às congruências gramaticais, possibilita que a “Perspetiva Funcional de Oração” (a estruturação temática da oração) seja determinada pela ordem das palavras. Outra propriedade típica deste „constructo“ é a alta frequência da conversão sendo que as formas nominais do verbo não se unem com preposições mas às vezes exprimem a categoria gramatical de número e de género.

3.4. O tipo introflexivo

O tipo introflexivo à primeira vista é parecido com o tipo flexivo, sendo assim considerado muitas vezes como um subtipo do tipo flexivo. Nele, a acumulação dos significados numa parte da palavra afeta o radical: *vater – väter, wir trinken – wir tranken*. Este tipo desenvolveu-se nas línguas semitas, célticas e germânicas.

P. Čermák (2009: 26) resume as suas propriedades nos seguintes pontos:

1. o morfema pode ser interrompido. Há fonemas que formam o morfema lexical e têm o significado gramatical (*foot – feet*); e às vezes também aparecem infixos com a mesma função;
2. as classes lexicais distinguem-se facilmente pela introflexão;
3. a introflexão afeta também o campo da formação das palavras (no árabe: *hamala –* levar, carregar; *himlun –* a carga; *hammalum –* quem leva a carga);
4. no constructo introflexivo distinguem-se morfemas flexivos e derivativos, sendo a sua oposição fonologicamente expressa;
5. a ordem das palavras e as orações subordinadas são análogas ao tipo flexivo.

3.5. O tipo polissintético

O tipo polissintético é caracterizado pela existência de palavras compostas, evidente sobretudo no chinês e noutras línguas da Ásia Oriental. Das línguas europeias, cite-se sobretudo as línguas germânicas, húngara e o finlandês.

P. Čermák ainda acrescenta (2009: 26) o tailandês, o ewe, yoruba, chinês escrito, resumindo os traços típicos em seis pontos:

1. algumas palavras lexicais são usadas também como palavras auxiliares;
2. não se distinguem as classes lexicais;
3. na formação das palavras domina a composição;
4. não existem afixos nem desinências;
5. a forma fonológica dos morfemas gramaticais é idêntica à das palavras lexicais (“dar” equivale ao dativo);
6. a falta dos recursos gramaticais favorece a existência da ordem fixa de palavras.

4. Comparação do sistema nominal das línguas checa e portuguesa

Como já foi adiantado, não existe um constructo ideal, ou caso exista, limita-se a um número reduzido (por exemplo, o quechua). Normalmente, a língua apresenta uma combinação de diferentes propriedades, as quais favorecem mutuamente as suas próprias existências. Na seguinte análise tentaremos comparar tipologicamente as categorias gramaticais das línguas L1 e PLE e encontrar os possíveis acordos e desacordos que entre estas existem. As diferentes propriedades serão analisadas no sistema nominal: substantivos, adjectivos, artigo e pronomes.

4.1. Substantivo

O tipo “isolante” consiste no princípio de as palavras aparecerem em formas isoladas e de apresentarem em todos os casos a mesma forma não declinada. As palavras apresentam, portanto, em todos os casos uma forma constante. A construção oracional obedece às regras relativas à ordem das palavras (o nome que precede o verbo é o sujeito, o nome precedido pelo verbo tem a função de objeto direto, indireto ou preposicionado), sendo usadas expressões auxiliares (preposições e conjunções) para diferentes categorias gramaticais. Este tipo desenvolveu-se sobretudo nas línguas da Europa Ocidental (inglês, francês e parcialmente também em alemão) (Skalička 1945:11).

V. Skalička compara os substantivos franceses com os substantivos declinados checos (1951:16) por meio do seguinte modelo que nós seguiremos, adoptando-o para as nossas finalidades comparativas L1-PLE:

<i>O meu pai disse-mo.</i>	<i>Můj otec mi to řekl.</i>
<i>Eu vejo o meu pai.</i>	<i>Vidím svého otce.</i>
<i>Dei-o ao meu pai.</i>	<i>Dal jsem to svému otci.</i>
<i>Vim com o meu pai.</i>	<i>Přišel jsem se svým otcem.</i>

Caso	Português – isolante	Checo – flexivo (sendo possível a presença da peposição)
nominativo	N	N/N
genitivo	prep. + N	N+desinência nominal
dativo	prep. + N	N+desinência nominal
acusativo	N	N/N+desinência nominal
vocativo	N!	N+desinência nominal
ablativo	prep. + N	N+desinência nominal
instrumental	prep. + N	N +desinência nominal

Como único caso isolante na língua checa poderiam ser percebidas as palavras *paní* (*senhora*) ou *znamení* (*sinal*), que apresentam na declinação do singular em muitos casos a mesma forma. Não obstante, trata-se de um traço periférico em checo:

*A minha **senhora** disse-mo.*

*Eu vejo a minha **senhora**.*

*Dei-o à minha **senhora**.*

*Vim com a minha **senhora**.*

*Moje **paní** mi to řekla.*

*Vidím svou **paní**.*

*Dal jsem to své **paní**.*

*Přišel jsem se svou **paní**.*

O traço típico do tipo isolante é, portanto, o facto de o nome não se vincular com nenhuma das desinências ou dos afixos. Ao mesmo tempo, a língua checa, sendo uma língua essencialmente flexiva, apresenta formas diferentes que exprimem diferentes relações casuais. Não obstante, não podemos deixar de sublinhar que a língua portuguesa também dispõe de meios linguísticos que exprimem estas relações. Parece, portanto, que a categoria gramatical do caso se conservou em português, mas que os exponentes etimológicos não (no latim vulgar os paradigmas da declinação nominal reduziram-se ao acusativo e em alguns poucos casos ao nominativo), o que foi possível apenas devido a um vasto elenco de preposições. Por outro lado, observe-se que há um caso onde os “exponentes” do caso se conservaram: é o caso dos pronomes clíticos (me, te, lhe, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as).

Tal como *paní* e *znamení* representam a propriedade isolante periférica em checo, da mesma maneira os pronomes clíticos podem ser também percebidos como uma propriedade periférica de flexão em português.

Uma outra propriedade tipológica das línguas isolantes consiste no facto de faltarem exponentes do número plural: muitas vezes as formas do singular e plural são idênticas e constantes: o lápis – os lápis, o pires – os pires, a cútis – as cútis, o tórax – os tórax, o ónix – os ónix. Não obstante, Čermák (2009: 79) define este traço como isolante-flexivo em que a expressão do número pelo determinante, marca a concordância semântica de número com os substantivos. Também na língua checa existe a distinção do número singular e plural, mas os seus exponentes são ao mesmo tempo exponentes de género e de caso, igual ao latim clássico.

Quanto ao género, o português possui apenas dois géneros, enquanto que nas línguas latina, checa e alemã há três géneros. Na língua “suaheli” (África de Leste) existem até oito géneros (Skalička 1951: 16). Outra propriedade típica dos substantivos nas línguas isolantes é, portanto, a falta ou até a inexistência dos géneros. Segundo a teoria skaličkiana, o género não é uma categoria gramatical necessária. A existência dos géneros é própria do tipo flexivo. Neste caso, partindo da tipologia da língua espanhola de P. Čermák (2009: 74), deduzimos que a língua portuguesa com os seus dois géneros é pouco flexiva. A sua tendência para o carácter isolante parte da já mencionada redução dos paradigmas casuais no latim vulgar. O género masculino ou feminino, muitas vezes, tem o exponente isolante: o artigo. Em português são considerados masculinos todos os nomes acompanhados pelo artigo masculino *o*: o aluno, o pão, o poema. Como género feminino são considerados todos os nomes acompanhados pelo artigo feminino *a*: a casa, a mão, etc. O género no caso dos epícenos é convencionalmente dado: (a mosca – moucha, o polvo – chobotnice, a pulga – blecha, a sardinha – sardinka). Os “exponentes do género” dos nomes são representados, portanto, tanto pelo artigo, como pelo sufixo – morfema gramatical, o qual nem sempre é regular.

Existem, porém, em ambas as línguas L1 e PLE substantivos com apenas um género: o apóstolo – apoštol; o indivíduo – jedinec, individuum; a criança – dítě; a criatura – bytost; a pessoa – osoba; a vítima – oběť. Além desta congruência, há ainda uma série de palavras do mesmo género nas duas línguas (sobretudo no caso dos géneros naturais definidos pelo sexo humano). O que complica a situação aos aprendentes de PLE é, às vezes a correta interpretação de substantivos (-humanos) do género neutro, dificilmente reconhecido pelo afixo: (a árvore é substantivo do género masculino em checo, o sal é do género feminino em checo, etc).

4.2. Adjetivos

O adjetivo apresenta propriedades semelhantes às do substantivo. Sendo formalmente parecidos, os substantivos portugueses muitas vezes dificilmente se distinguem dos adjetivos e muitas vezes as duas classes lexicais só podem ser reconhecidas a partir da base semântica, ou seja do seu significado ou da sua função sintática e não da sua forma, o que mais uma vez prova o carácter isolante da língua portuguesa (nas línguas flexivas ocorre o contrário).

*Uma preta **velha** vendia laranjas. x Uma **velha preta** vendia laranjas.*

Neste aspecto destaque-se a existência dos adjetivos uniformes, muito frequentes, que formalmente são iguais aos substantivos: os adjetivos que terminam em *-a*: homicida (vražedný; o homicida – vrah), indígena (domorodý; o indígena – domorodec), asteca (aztécký; o asteca – Azték, Asteca), celta (keltský; o Celta – Kelt), israelita (Izraelský; o Israelita - Izraelec), persa (perský; o Persa – Peršan).

Quanto ao género, muitos adjetivos são uniformes: 1. além dos acima mencionados que terminam em *-a*, acrescente-se que há 2. os adjetivos uniformes que terminam em *-e*: árabe (arabský), breve (krátký), cafre (kafrový), humilde (pokorný, skromný), terrestre (zemní, zemský), torpe (hanebný, hnusný, nestydatý, nečestný), triste – smutný; 3. os adjetivos que terminam em *-ense, -ante, -inte, -ente*: constante (konstatní), crescente (roustoucí), pedinte (žádající); 4. os adjetivos que terminam em *-l*: cordial (srdečný), infiel (nevěrný), amável (příjemný, laskavý), pueril (dětský, dětinský), ágil (hbitý, mrštný), reinol (královský), azul (modrý); 5. os adjetivos que terminam em *-ar, -or* (originalmente comparativos): exemplar (příkladný), ímpar (lichý), maior (větší), superior (vyšší); 6. os adjetivos paroxítonos que terminam em *-s*: reles (mizerný, špatný, bezcenný), simples (jednoduchý); 7. os adjetivos paroxítonos que terminam em *-m*. virgem (panenský, neporušený, původní).¹²

A comparação dos adjetivos demonstra novamente as propriedades isolantes, apesar de haver adjetivos que formam o segundo e o terceiro grau por meio do

¹² JINDROVÁ, Jaroslava; PASIENKA, Antonín. *Portugalsko-český slovník*. Praha: Leda, 2005.

“supletivismo”, fenómeno conhecido nas línguas checa, latina e grega, por exemplo, (Skalička 1951: 20) que não pertencem ao tipo isolante.

Supletivismo – caso periférico:

adjetivo	comparativo de superioridade	superlativo	
		absoluto	relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pio	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

4.3. Artigo

Um traço dominante nas línguas isolantes é a existência do artigo definido e indefinido, o qual constitui uma palavra isolada, anteposta ao nome. Às vezes é designado, pela escola praguense, de predeterminante (precedendo o nome). Na língua checa o artigo não existe; na língua latina existem os étimos *illum/illós unum/unam*. Na língua búlgara, porém, o artigo coloca-se de um modo sufixal: *žena-ta* – a mulher.

Encontramo-nos, neste ponto, perante duas hipóteses acerca da definição do artigo, o qual, por um lado, isoladamente, sendo expresso por uma palavra isolada, aponta para o carácter isolante da língua. Por outro lado, levando em consideração as regras de concordância em número e género com o substantivo, poderia ser percebido também parcialmente como flexivo.

4.4. Pronomes

A extensão dos pronomes, nos tipos isolante, é grande. Os pronomes portugueses são classificados da mesma maneira que na língua checa: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos e interrogativos e indefinidos. Do ponto de vista tipológico, os pronomes constituem um conjunto heterogéneo, opostamente à língua checa onde existe a dominante flexiva em todas as classes pronominais. Os pronomes pessoais constituem a única classe lexical onde, tal como no caso do espanhol, se conservam os resíduos dos exponentes da flexão nominal. Não obstante, segundo P. Čermák (2009: 102), o pronome, servindo para demarcar a função sintática do substantivo, é caracterizado como tipologicamente isolante. As formas pronominais podem ter até quatro funções (de sujeito, de objeto direto e indireto, e função reflexiva).

Relembre-se que a flexão pronominal é a continuação parcial da flexão latina. Apesar de se terem realizado, no sistema da língua, muitas mudanças que a debilitaram, nunca chegaram a destruí-la definitivamente, ao contrário do sistema checo, plenamente conservado como flexivo. A flexão em português nunca foi substituída completamente e inclusive foi conservada mesmo naquelas partes dos sistemas onde a influência dos outros tipos resulta mais forte, o que se vê no caso

Núm	ps	Pronomes rectos pessoais sujeito	Pronomes pessoais oblíquos nao reflexivos			
			Átonos		Tônicos	
			Dativo OD	Acus OI	Com preposição OI	Oblíquo
sing	1	eu	me	me	mim	comigo
	2	tu	te	te	ti	contigo
	3	ele	lhe	o	ele	com ele
		ela		a	ela	com ela
		você		o,a	si	consigo
		o senhor		o	si (o senhor)	consigo (com o senhor)
		a senhora		a	si (a senhora)	consigo (com a senhora)
pl.	1	nós	nos	nos	nós	connosco
	2	vós	vos	vos	vós	convosco
	3	eles	lhes	os	eles	com eles
		elas		as	elas	com elas
		vocês	vos	vos	vocês	com vocês
		os senhores			os senhores	convosco (com os senhores)
		as senhoras			as senhoras	convosco (com as senhoras)

de me vs. a mim. Mesmo que haja preposição (tipo isolante), a flexão continua parcialmente presente (mim): (Vês-me a mim?/ Compras-me o livro a mim?). Nos pronomes de terceira pessoa, porém, aparecem formas idênticas: ele – a ele, nós – a nós, vós – a vós, eles – a eles, traço que é meramente isolante.

Curiosamente, devido ao rico sistema verbal, em português o pronome pessoal na função de sujeito também é muitas vezes omitido, sendo reconhecido por meio da desinência verbal (I see – (Eu) vejo – (Já) Vidím). A língua checa aqui, neste ponto, representa, evidentemente, o tipo flexivo, tal como as línguas portuguesa e espanhola, havendo uma única diferença: as formas verbais da primeira e da terceira pessoa muitas vezes são homógrafas, sobretudo nos verbos no pretérito simples do indicativo, (querer – quis, trazer – trouxe), no futuro do conjuntivo (trouzer, quiser, ver, vir, etc.), ou no caso dos tempos compostos em que o verbo auxiliar “ter” ou “haver” (salvo o pretérito perfeito composto) também precisa de ser distinguido pelo pronome pessoal caso não seja contextualmente identificável.

Um caso interessante revela-se-nos ao analisar as formas clíticas dos pronomes que se combinam com as formas verbais.

O sistema dos clíticos e das suas combinações casuais:

acusativo		o	a	os	as
dativo	me	mo	ma	mos	mas
	te	to	ta	tos	tas
	lhe	lho	lha	lhos	lhas
	nos	no-lo	no-la	no-los	no-las
	vos	vo-lo	vo-la	vo-los	vo-las
	lhes	lho	lha	lhos	lhas

Tanto na língua checa como na língua portuguesa os pronomes clíticos são palavras sem acento próprio, as quais não podem ocupar o primeiro lugar na oração. Skalička relembra a regra de Wackernagl: os enclíticos podem ser colocados só depois da primeira palavra ou depois do primeiro sintagma na oração. Na língua portuguesa, tal como na língua checa, é normalmente depois do verbo mas há casos que podem ser antepostos ou postos dentro do tema e da desinência verbal. As regras que pre-determinam a anteposição do pronome, nas duas línguas comparadas, são diferentes e em português são ainda mais complicadas pela mesóclise *e*. A posição gramaticalmente correcta em português é: 1. no caso dos verbos auxiliares: tê-lo dito, havia-o visto; 2. no caso do futuro e do condicional são mesoclíticos: trar-mo-ão, ou noutros casos (precedidos de advérbios ou pronomes relativos ou indefinidos) os pronomes antecedem o nome: não to direi. Skalička (ibidem) sustenta que os clíticos possuem certas qualidades próprias de sufixos o que aponta para as propriedades aglutinantes.

Refira-se que também os pronomes interrogativos e relativos conservam as relações casuais da mesma maneira que os substantivos, ou seja através da preposição. Enquanto que na língua checa existem exponentes variáveis conforme a flexão, na língua portuguesa aparecem sempre as formas constantes. Destaque-se que as preposições também são usadas na língua checa, e correspondem casualmente às preposições portuguesas: Mas o que é essencial é que a forma do pronome em português não muda, sendo, portanto, constante, enquanto que na língua checa o pronome é declinado.

KDO	preposição	quem
kdo		quem
koho	de, sem	quem
komu	a, para	quem
koho	a	quem
kom	sobre, de	quem
kým	com	quem

CO, JAKÝ	preposição	QUE
co, jaký		que
čeho (jehož. něhož), čím	de, sem	que
čemu (čemuž, jemuž), jakému	a, para	que
co, jaký	a	que

CO, JAKÝ	preposição	QUE
o čem (o čemž, o němž, níž), o kterém/ o jakém	sobre, de	que
čím (s čímž, s nímž) s kterým	com	que

CO	preposições	
co		qual
čeho (jehož. Něhož)	de, sem	qual
čemu (čemuž, jemuž)	a, para	qual
co	a	qual
o čem (o čemž, o němž, níž)	sobre, de	qual
s čím (s čímž, s nímž)	com	qual

Deduza-se dos quadros duas diferenças radicais existentes entre os pronomes relativos checos e portugueses. A primeira diferença tipológica, novamente, consiste em que os pronomes relativos checos são flexivos enquanto que os portugueses são evidentemente isolantes (o caso de quem e que) ou parcialmente flexivos (no caso de qual-quais). A segunda diferença aponta para a plurissemia de „que“ que pode ter tanto a função adjetival como nominal, facto que novamente comprova as dificuldades de distinguir lexicalmente as formas constantes: a forma que – co x jaký – é tanto substantiva como adjetiva, podendo desempenhar tanto a função de sujeito e objeto como a função de adjunto adnominal dependentemente da compatibilidade sintática.

Quanto aos pronomes possessivos e demonstrativos, estes podem ser caracterizados como a manifestação do tipo isolante. Por outro lado, a formas dos pronomes possessivos, que concordam em número e género com o substantivo, apesar de ser expressa por meio isolante, ou seja, por uma palavra, conserva a flexibilidade latina (meum, meam, tuum-tuam, suum-suam, nostrum, vostrum-vostram, suum – suam). Apesar de não ser declinado em todos os casos, como acontece plenamente em checo – tipo fortemente flexivo), podemos constatar que as formas de possessividade são isolantes e, na medida em que é respeitada a congruência gramatical (concordância em género e número), podemos considerá-las também flexivas.

Pessoa	Número	Singular		Plural	
		masculino	femenino	masculino	Femenino
1 eu	sing.	meu	minha	meus	minhas
2 tu		teu	tua	teus	tuas
3 você		seu	sua	seus	suas
1 nós	pl	nosso	nossa	nossos	nossas
2 vós		vosso	vossa	vossos	vossas
3 vocês		vosso	vossa	vossos	vossas

O mesmo pode estipular-se acerca dos demonstrativos, cuja existência é possível considerar como isolante, mas a sua forma e comportamento sintáticos comprovam a sua estrutura flexivo-aglutinante (com exceção do neutro: isto, isso, aquilo).

Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
este livro	esta caneta	estes livros	estas canetas
esse livro	essa caneta	esses livros	essas canetas
aquele livro	aquela caneta	aqueles livros	aquelas canetas

A possessividade, nas línguas isolantes, apresenta uma palavra isolada, situação análoga às línguas flexivas. Em ambas as línguas comparadas (L1 e PLE) ocorre, portanto, o mesmo fenómeno. Os pronomes possessivos são, em ambas as línguas, flexivos por concordarem com o substantivo em género, número (e caso) e isolantes (por apresentarem palavras isoladas): meu pai = můj otec. Na língua turca ou na língua húngara, por exemplo, basta utilizar apenas uma consoante: (baba-m) (atyá-m) (Skalička 1951: 41).

5. Conclusão

Esta breve análise tipológica das línguas checa e portuguesa comprova-nos que também a língua portuguesa possui traços (ou pelo menos resíduos) do tipo flexivo e revela-nos que as propriedades típicas do tipo flexivo inexistentes em português são expressas por outros meios tipológicos. O mais importante é que os aprendentes de PLE se apercebem de que as categorias gramaticais de L1 são traduzíveis ao PLE, se não pelos mesmos exponentes, pelo menos, através da compensação por outros exponentes. Assim, por exemplo, ao longo do trabalho várias vezes se chamou a atenção para as relações casuais, as quais na língua checa dispõem de exponentes especiais concretos (desinências nominais), enquanto que na língua portuguesa são compensados pelo uso das preposições adequadas.

Ao mesmo tempo, foram reveladas congruências entre vários fenómenos morfológicos e sintáticos, que existem nas duas línguas comparadas: 1. a colocação dos pronomes clíticos, 2. as regras de concordância em número e género, e 3. os adjetivos sintéticos no terceiro grau da comparação e parcialmente conservados os traços flexivos dos pronomes em português.

Durante o processo de análise partimos, sobretudo, de duas obras *Typ češtiny* de Vladimír Skalička e de *Tipología del español a la luz de la teoría de Vladimír Skalička* de Petr Čermák. Estas duas obras serviram-nos de base sobretudo na interpretação tipológica dos diferentes fenómenos gramaticais, facto que contribuiu para a fiabilidade das informações contidas no presente estudo. Apesar de termos seguido a atitude sincrónica (as propriedades secundárias), estamos conscientes de que muitos fenómenos gramaticais, muitos exponentes são originalmente diferentes (neste caso falamos das propriedades primárias). Este facto deve-se a fatores históricos, sendo que muitos fenómenos gramaticais e muitos dos seus exponentes mudaram de carácter: ou seja, as línguas espanhola e portuguesa, de origem latina e fortemente flexiva, evoluíram de tal maneira que hoje são consideradas línguas isolantes.

Bibliografia

- BOČEK, Vít. *Typologie španělštiny a rumunštiny*. Brno: Masarykova univerzita. Tese de mestrado não publicada, 2005.
- BOČEK, Vít. La tipología del español y rumano, el sistema nominal. *Études romanes de Brno*, 2006, n° 28, págs. 217–233.
- BOČEK, Vít. Typologie Josepha H. Greenberga a Pražské školy aneb možnosti, které čekají. In *Užívání a prožívání jazyka. K 90. narozeninám Františka Daneše*. Ed. Světlá ČMEJRKOVÁ; Jana HOFFMANNOVÁ; Eva HAVLOVÁ. Praha, Karolinum. 2010, págs. 51–56.
- BOČEK, Vít. On combination of typological properties or Theory and empiricism in Prague School typology. In *Libellus memorabilis Jaroslao Popelæ, linguistæ diligenti, octo et octogenario ab amicis oblatus*. Ed. Vít BOČEK; Bohumil VYKYPĚL. Brno: Tribun EU, 2011, págs. 15–22.
- ČERMÁK Petr. *Tipología del español a la luz de la teoría de Vladimír Skalička*. Praha: Karolinum, 2009.
- ČERMÁK, Petr; ZAVADIL, Bohumil. *Mluvnice současné španělštiny. Lingvisticky interpretační přístup*. Praha: Karolinum, 2010.
- ČERMÁK, František; ČERMÁK, Petr; ČERMÁK, Jan; POETA, Claudio. *Vladimír Skalička. Souborné dílo*. Tomo 1. Praha: Karolinum, 2004.
- ČERMÁK, František; ČERMÁK, Petr; ČERMÁK, Jan; POETA, Claudio. *Vladimír Skalička. Souborné dílo*. Tomo 2. Praha: Karolinum, 2004.
- ČERMÁK, František; ČERMÁK, Petr; ČERMÁK, Jan; POETA, Claudio. *Vladimír Skalička. Souborné dílo*. Tomo 3. Praha: Karolinum, 2006.
- JINDROVÁ, Jaroslava; PASIENKA, Antonín. *Portugalsko-český slovník*. Praha: Leda, 2005
- ZAVADIL, Bohumil. *Baskičtina, lingvistická interpretace*. Praha: Karolinum, 2010.

Abstract and key words

This article is based on the typological classification of the languages that was introduced particularly by Vladimír Skalička, member of the Prague School, who distinguishes isolating languages from languages of a predominantly agglutinative, inflectional, polysynthetic and introflexional type. The present paper offers a comparison of the nominal system of the Czech and Portuguese language. Despite the significant typological differences between them, we try to find the meeting points of some grammatical categories in the two languages.

Prague typology; Portuguese Language; Czech language; isolating type; agglutinative type; inflectional type, polysynthetic type; introflexional type;

